



Leitura e Exibição da Cidade: Observações acerca de duas Narrativas do Dia da Enchente do Crato¹

Ricardo Rigaud SALMITO²

Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente texto pretende dar uma contribuição para a análise da cidade e de seus fluxos e narrativas comunicacionais. Para tal toma dois registros visuais de moradores do Crato, município do Estado do Ceará, diante da enchente que acometeu a cidade no dia 28 de janeiro de 2011. As imagens produzidas por Valdemar Soares de Oliveira e a narrativa audiovisual de Joaquim Oliveira serão usadas para debater a cidade e a comunicação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; mobilidade; narrativas urbanas; enchente no Crato.

Introdução

Verdadeiro tema da modernidade, a cidade se reconfigura a cada momento. No mundo contemporâneo cada vez mais é possível perceber e reconhecer a cidade como um tema ao mesmo tempo crítico e fundamental. De questão ecológica prioritária (apesar dos ecologistas em contrário...) a *locus* por excelência da comunicação e da cultura, a cidade deve ganhar sua ênfase na observação cotidiana de suas manifestações midiáticas, sua produção cultural e suas poéticas de deriva.

O presente trabalho tem como objetivo realizar um debate sobre a cidade contemporânea e fazer uma análise de duas leituras de visualidade do urbano a partir de observações e registro de dois moradores da cidade do Crato (Estado do Ceará). O trabalho se desenvolve a partir de uma apreciação inicial sobre o surgimento e consolidação da ideia de cidade no mundo ocidental, passando pela caracterização dos desdobramentos desse modelo na atualidade.

O texto desenvolve a ideia dos fluxos de seus habitantes e suas narrativas de cidade com o objetivo de estabelecer seu acompanhamento do evento (inundação de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e culturas urbanas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo da UFC, Campus Cariri, email: rsalmito@cariri.ufc.br.



parte da cidade do Crato a partir do transbordamento do canal que flui o rio Granjeiro no dia 28 de janeiro de 2011) e a exibição do material em diálogo com a cidade.

Percorrer (teoricamente) a Cidade

Massimo Cacciari (2010) explica que a cidade ‘mesmo’ não existe ou pode ser enunciada de maneiras distintas e bem distantes umas das outras. Para ele o que existe são diferentes formas de vida urbana. Para o autor italiano, os ocidentais acabam por receber a herança de duas tradições de cidade, aquela de matriz grega, a *pólis* e a que se estrutura pela matriz latina, a *civitas*.

A grosso modo, a matriz grega se organiza em torno da unidade de pessoas, como um todo orgânico e relativamente igualitário. Existiria uma espécie de identificação ou adequação dos indivíduos àquela cidade específica. O perfil das cidades-estados na antiguidade exemplificaria muito bem essa organização. Atenas e Esparta como modelos reconhecidos se caracterizariam como exemplares historicamente: concreta união de pessoas do mesmo *génos*. “o termo *pólis* remete de imediato para uma ideia forte de enraizamento. A *pólis* é o lugar onde determinada gente, específica no que toca a tradições e costumes, tem a sua sede, reside, onde tem o seu próprio *éthos*.” (Cacciari, 2010, p. 9).

Já a ideia de cidade como *civitas* é pura confluência de pessoas dessemelhantes no que concerne à religião, tradições, etnias etc. A matriz latina da noção de cidade abriga os diferentes, e esses “só concordam entre si em virtude da lei” (idem, ibidem, p. 10). Mais aberta (ao outro) e menos estanque, este modelo deu base para a cidade moderna europeia.

Conceber a cidade e seus desdobramentos futuros, obviamente não se delimita ou se fixa apenas nessa dicotomia. Outras questões vão balizando a leitura e compreensão do urbano como, por exemplo, as dimensões políticas, econômicas, tecnológicas no decorrer dos tempos. Mas a ideia de um espaço de multiplicidade vai tomar fortemente o que se conhece por cidade.

E mesmo sem ser seguro ou relevante definir a cidade ou as cidades, é sempre importante situar um pouco o lugar de fala e por conta disso a tentação de nomear o que se está querendo dizer com isso, com cidade. Cidade é onde o mundo se localiza de convivência. Cidade é o espaço, por excelência, de multiconvivência.

A convivência entre os diferentes, ou presença dos diferentes em espaço delimitado é o que invoca e certifica a cidade. Mundo urbano como espaço de moradia e



ao mesmo tempo de negociação e trabalho. Essas duas tarefas serão pedidas à cidade, abrigar e acolher seus habitantes e motivar as trocas públicas de produção e aquisição de bens e serviços de toda natureza.

Essa dupla exigência (lugar de moradia e lugar de produção/circulação de riqueza) aos poucos vai constituindo a cidade e ao mesmo tempo criando as distorções nos lugares. Então, é possível perceber que algumas cidades priorizam ou se desenvolvem em sua história mais na dimensão da moradia e outras em valorização do espaço de negociação. Para Cacciari: “Infelizmente, pedem-se ambas as coisas com a mesma intensidade, só que elas não podem ser pedidas em simultâneo e, portanto, a nossa posição relativamente à cidade surge, cada dia mais, literalmente, esquizofrênica” (2010, p. 27).

Essa dinâmica vai se estabelecendo na passagem do mundo antigo para o mundo moderno. A dicotomia campo x cidade vai virando para o lado da cidade em fluxos populacionais, lugar de produção e sentido e concentração de riquezas. Aos poucos a referência de vida contemporânea está situada na cidade.

Guiados pelo domínio da razão em concretude instrumental pela via da técnica e da ciência, a modernidade vai estabelecer parâmetros de organização e prioridades no mundo urbano. A própria cidade vira ‘tema’ por excelência da modernidade (para Baudelaire, por exemplo, que foi o mais moderno dos modernos...).

Uma das características da modernidade, o individualismo (Lipovetsky, 2004; Sennett, 2010) é muitas vezes citado como um valor (ou anti valor) urbano muito significativo. Para Sennett, “o individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade” (2010, p. 360).

O lugar de livre e rápida circulação, além da transformação da dinâmica da comunidade para a dinâmica da sociedade como a lógica de funcionamento social, com todo o aparato tecnológico de sustentação dessa mudança marca a cidade na modernidade. A cidade cresce e as distâncias não podem mais ser percorridas no ritmo individual da caminhada. O automóvel se tornou objeto técnico referencial da cidade.

Uma das grandes questões que se coloca para a cidade depois do processo de transformações causado pela Revolução Industrial é a inviabilidade de se viver/ocupar o urbano como antes. O combinado de processos tecnológicos, comunicacionais e culturais acaba por exigir uma postura diferente tanto dos cidadãos como dos urbanistas que promovem/viabilizam a gestão e o cálculo da urbanidade.



Para Giulio Argan, a civilização industrial tornou obsoleta a ideia tradicional de cidade. E o mais impactante é que “ainda não conseguiu substituí-la por sua própria concepção” (1992, p. 225). Esse desafio paira sobre os urbanistas e gestores públicos num certo nível e, em outro, sobre os cidadãos comuns em suas práticas de ocupação do espaço e convivência.

Mesmo sabendo que é importante desconfiar de tais análises mais apocalípticas, ou daquelas que elegem o discurso da ‘catástrofe’ mais que o discurso do ‘progresso’ para explicar a cidade, Michel de Certeau (2002), observa que existe a possibilidade das cidades estarem se deteriorando na mesma medida que os procedimentos de sua organização.

A cidade se define por seus percursos e rotas, por seus estados de consciência coletiva e individuais. O coletivo levado às últimas consequências. Pessoas em relação no mesmo espaço cotidiano e temporal configura a cidade, lugar por excelência da diferença e do tensionamento das diferenças. Lugar da cultura, enquanto produção, reflexão e uso da linguagem. Como diria Witold Rybczynski “As cidades são artefatos” (1996, p. 33).

Fluxos urbanos

As cidades na contemporaneidade têm se destacado por uma espécie de desenvolvimento e crescimento modernizante que faz com que duas ideias bastante agudas tomem força. A primeira é a dissolução (ou multiplicação) da noção de centro. E a segunda, a da permanência do indivíduo no mesmo sítio/espaço urbano, pois a mobilidade tem se apresentado como uma dimensão própria da dinâmica da cidade, ou entre as cidades.

No dizer de Beatriz Sarlo “as pessoas hoje pertencem mais aos bairros urbanos (e aos ‘bairros audiovisuais’)...” (1999, p. 13) que antes. O centro ou a ida ao centro deixou de ser obrigatória para as relações de compra e venda e serviços de toda natureza. Na pós-modernidade (para aqueles que ainda operam na perspectiva desse conceito), descentalizou-se a vida urbana e a maneira de se perceber e organizar a própria cidade.

As narrativas, ocupações e percursos deixaram de se localizar no centro ou passar essencialmente por si. Os bairros vão ganhando (distância e) vida própria, e os habitantes vão fazendo rotas cada vez mais difusas na cidade.



Essa lógica descentralizada ou esquizofrênica aponta para uma reestruturação da cidade em suas operações básicas. O centro deixa de existir, ou pelo menos deixa de existir com a força de atrator que possuía anteriormente. É mais coerente pensar em vários centros em uma mesma cidade e não apenas um único ou então a presença de pontos diferentes que tenham características de centro.

Quanto maior a metrópole vai se configurando ser, “maior o deslocamento do desejo por vários lugares, ocorrendo mesmo uma multiplicação dos centros, das regiões de povoamento, de circulação de emoções e de fluxos de capital” (DUARTE, 2006, p. 106). Com isso a segunda ideia que se tratou anteriormente se fortalece, pois só é possível prescindir do centro (político, financeiro, cultural, em suma: referencial) se for possível se deslocar com facilidade e com vontade no mundo urbano.

Nelson Brissac Peixoto fala que hoje a “paisagem contemporânea é um vasto lugar de trânsito” (2004, p. 233). As formas artísticas, midiáticas e arquitetura compõem a paisagem visual urbana. E a cidade, na circulação e mobilidade das pessoas, acaba sendo percebida em fluxo ou como fluxo.

Para Janice Caiafa:

“Há um trânsito que marca as cidades e que implica também certas formas de comunicação e de produção subjetiva. Tais experiências certamente se deixam afetar pelas novas formas da produção comunicativa. É crucial examinar a dimensão e a qualidade dessa interferência, procurando inclusive distinguir suas manifestações específicas nas diferentes configurações urbanas” (2007, p. 19).

Uma das dimensões mais importantes a se perceber na vida urbana é a mobilidade. A velocidade e a decorrente aceleração na contemporaneidade faz com que as imagens da cidade se modifiquem pela maneira especial de se ver o mundo pela via da produção midiática.

Os sujeitos vão se apropriando da cidade a partir de leituras variadas. Leituras essas realizadas com o auxílio ou interferência direta dos meios de comunicação de massa e dispositivos comunicacionais. Os bairros ou pontos de referência que se deve passar ou conhecer, os lugares que se deve evitar ou para se onde deve ir para as compras, à diversão, às obrigações (institucionais, religiosas etc): tudo isso passa por roteiros de cidade, aprendidos na tradição e modernidade de usos do urbano.

“Os meios de comunicação de massa permitem que se multipliquem e amplifiquem as temporalidades da urbes. As cavernas temporais desdobram infinitudes de novas temporalidades criadas a partir de telenovelas,



documentários, programas de rádio, reportagens jornalísticas, *outdoors*, cinema, em todo e qualquer suporte tecnológico escrito, de som e imagem. São ampliadas peculiaridades de um bairro, personagens simples do cotidiano assumem importância central de informação e formação para a cidade” (DUARTE, 2006, p. 108).

Aprender é deslocar-se. E a aprendizagem da vida urbana se dá pelo deslocamento cotidiano. Michel de Certeau (2002) fala da caminhada que tece os próprios lugares na cidade e os inaugura de interpretação.

Narrativas urbanas

Nesse cenário de modificações, mobilidade e convivência urbana, a análise da cidade através de teses de constituição e a organização de ambiente ‘oficiais’ deve ser posta de lado ou, no mínimo, relativizadas diante das possibilidades que se abrem de narrativas ‘menores’ e cotidianas.

A ideia é enveredar por outro caminho metodológico e que este possa:

“analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítima, desenvolvidos e insinuados nas redes de vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis, mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividade sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje avançados da organização observadora” (CERTEAU, 2002, p. 175).

Dois sujeitos personagens fizeram uma leitura/observação da cidade do Crato (cidade da região do Cariri, localizada no extremo sul do Estado do Ceará, com população de cerca de 125 mil habitantes) no dia 28 de janeiro de 2011. Dia esse que houve uma precipitação chuvosa que de acordo com boletim da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme), órgão responsável pela medição pluviométrica, foi registrado 162 milímetros no Crato, acontecendo o transbordamento do canal do rio Granjeiro, promovendo uma sequência de inundações e destruição em parte da cidade, notadamente em sua região central.

Os dois observadores realizaram uma série de registros visuais da tragédia. Valdemar Soares Oliveira tem 27 anos e trabalha numa banca de revistas na Praça da Sé e Joaquim Oliveira (conhecido como Joaquim dos Bombons) tem 47 anos e trabalha com venda de bombons, também como mototaxista e zelador de estacionamento. Foram

realizadas entrevistas com ambos os atores. A entrevista com Valdemar foi efetivada no dia 24 de março de 2011 e no dia 30 de março de 2011 com Joaquim dos Bombons.

Muitos moradores fizeram registros da cheia do rio, da inundação e/ou estragos na cidade. O fato de escolher esses dois observadores para análise é que ambos constituíram desses registros visuais e audiovisuais apresentações públicas organizadas do material coletado. Foi evitado os registros presentes na Internet por questão da necessidade de maior tempo do pesquisador para coleta e seleção do material a ser analisado.

Valdemar Soares Oliveira compôs um modo de slides e exibia as imagens capturadas por ele no painel digital de sua banca de revistas que fica na Praça da Sé, que tem localização privilegiada de passagem de pessoas e automóveis. E Joaquim dos Bombons realizou um vídeo de cerca de 45 minutos que foi comercializado na cidade em bancas e camelôs. Segundo ele, o vídeo em formato de DVD chegou a vender cerca de 650 cópias.

Registro visual de Valdemar

O registro de Valdemar Soares Oliveira se compõe de uma série de fotografias realizadas entre seis e oito horas da manhã do dia 28 de janeiro de 2011, registrando o canal em que flui o rio Granjeiro e de adjacências do Centro e do bairro Pimenta. As fotos foram efetuadas por uma câmera fotográfica e um aparelho celular.



Valdemar e o painel digital em que exibiu as fotos da enchente.

Suas fotografias retratam as margens do canal após as chuvas da madrugada e a consequente cheia do rio. Ele realizou uma série de registros fotográficos da cidade do



Crato logo depois da enchente ter terminado e deixado inúmeros estragos no canal, em prédios e estabelecimentos da cidade.



Fotos de Valdemar Soares Oliveira

A motivação de Valdemar foi mostrar para as pessoas o que tinha acontecido com a cidade (OLIVEIRA, 2011b). O fato de ele trabalhar numa banca de revistas e ter as notícias de jornais e diversas publicações sempre presentes em seu estabelecimento, dotou a ida a campo em verdadeira missão de registrar aquele acontecimento no Crato e mostrar o desastre para as pessoas.

O Registro Audiovisual de Joaquim

O material de Joaquim dos Bombons se compõe de um registro audiovisual editado de cerca de 45 minutos realizado na madrugada e manhã do dia 28 de janeiro durante as chuvas e enchente que abateram a cidade do Crato.



Joaquim em frente ao seu carrinho de bombons

Joaquim se levantou às três da manhã e sozinho com uma câmera e um guarda chuva como proteção (OLIVEIRA, 2011a) narrou sua posição durante a cheia e transbordamento do canal, mostrando diversos pontos da cidade a partir de sua leitura do evento.

Em vários momentos da narrativa audiovisual, Joaquim fala como se tivesse entrando *ao vivo* para algum telejornal, dizendo sua posição e impressões do manancial de águas invadindo casas, estabelecimentos e o fluxo das águas nas ruas.

Assim como Valdemar, Joaquim dos Bombons não pensou em comercializar suas imagens, apenas queria fazer o registro para mostrar para as pessoas a força das águas e sua destruição urbana (OLIVEIRA, 2011a). Mas depois que uma emissora de televisão pediu sua filmagem e utilizou algumas partes em seu telejornal, ele resolveu editar as imagens e vender no formato DVD.



DVDs de Joaquim expostos à venda em calçada do Crato

A narrativa de Joaquim quis imprimir estilo jornalístico, de imitar/recriar falas de repórteres em tomadas ao vivo da TV (Por exemplo: “direto da rua da vala, Joaquim dos Bombons” ou “aqui na cobertura da enchente no Crato”).

No fundo o que estava em jogo era cobrir o evento na sua cidade, que a apropriação de instrumentos tecnológicos permitiu ou auxiliou, observando o cotidiano a seu modo e intenções.



Considerações finais

É importante reconhecer e perceber as narrativas sobre a cidade e a importância que elas têm sobre o painel multifacetado (ou polifônico, como em Canevacci) que forma a própria cidade. Os meios de comunicação configuram olhares sobre a cidade, mas também se alimentam das narrativas de cotidiano de pessoas comuns. A ideia de que os meios de comunicação de massa, de forma sistemática, alteram a imagem e perspectiva da cidade deve ser sempre observada como uma via de mão dupla entre esses meios e seus habitantes.

Ao mesmo tempo em que as mídias apresentam e constituem cidades, os habitantes, ao se apropriarem de dispositivos comunicacionais ou narrativos, imprimem também suas percepções urbanas, configurando suas próprias cidades.

Como trata Canevacci:

“estou convencido de que é possível elaborar uma metodologia da comunicação urbana mais ou menos precisa, com a seguinte condição: a de querer *perder-se*, de ter prazer nisso, de aceitar ser *estrangeiro, desenraizado e isolado*, antes de se poder reconstruir uma nova identidade metropolitana” (2004, p. 15).

Perceber a cidade e contar/narrar essas experiências deve ser atividade cotidiana, e não apenas ação em situações limites, como o ‘desastre’ que ocorreu no dia 28 de janeiro. Essas visões de catástrofe não devem ser percebidas apenas como busca de sensacionalismo pela destruição, mas maneiras de estranhar a cidade e seu funcionamento.

A ideia aqui não foi a de fazer uma análise específica das imagens dos registros de Valdemar e de Joaquim, mas perceber a importância da circulação dos sujeitos e suas narrativas urbanas para a vida cotidiana. O que está em jogo é imprimir visões de cidade não apenas sob catástrofe, mas aplicar no cotidiano, olhares múltiplos sobre os espaços, ‘desolhar’ a cidade, qualquer cidade, todas as cidades.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CACCIARI, Massimo. **A cidade**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.



CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002.

DUARTE, Eduardo. Desejo de cidade – múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade. In. Prysthon, Angela (org.). **Imagens da cidade**: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

OLIVEIRA, Joaquim. Enchente em Crato 28/01/2011. Vídeo. Crato, 2011.

OLIVEIRA, Joaquim. Crato, 30/03/2011a. Entrevista a Ricardo Salmito.

OLIVEIRA, Valdemar. Crato, 24/03/2011b. Entrevista a Ricardo Salmito.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: SENAC, 2004.

RYBCZYNSKI, Witold. **Vida nas cidades** – expectativas urbanas no Novo mundo. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Best bolso, 2010.